

O Progresso Catholico

RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA E ARTES

Condições da assignatura—Sem brinde: Por anno, Portugal e Hespanha, 800 reis; India, China e America, 1\$200 reis. Com brinde: Portugal e Hespanha, 1\$000 reis. Numero avulso, 100 reis.

Administrador e editor: José Fructuoso da Fonseca—Redacção, administração e officinas typographicas, Picaria, 74—Publicações, preços convencionaes.



DR. MANUEL LUIZ COELHO DA SILVA
DEÃO DA SÉ DO PORTO

SUMMARIO

Texto

Conego Dr. Manoel Luiz Coelho da Silva.
 Secção piedosa: Indicador religioso, Evangelho, Apostolado da oração, Sobre o Rosario, por X.
 Litteratura: O pequeno miraculado de Lourdes, por Ibero.
 Estudos: Crenças druidicas, trad. de Avelino Dantas.
 Varia: O mez do Rosario, por M. M.

Secção social-christã: A cooperação entre os Japonezes, por Pius.
 Boletim scientifico: Uma invenção notavel, pelo Dr. ***
 Retrospecto da Quinzena.
 Necrologia.

Gravuras

Conego Dr. Manoel Luiz Coelho da Silva.
 Rainha Santa Isabel.
 Sacrificios druidicos.

Dr. Manoel Luiz Coelho da Silva



Acaba de ser investido na dignidade de Deão da Sé do Porto, o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Dr. Manoel Luiz Coelho da Silva, Vigario Geral, Provisor, e, na ausencia do venerando Prelado, governador do Bispado do Porto.

O «Progresso Catholico» veste-se de galas, festejando tão grato acontecimento, pois que o agraciado é um sacerdote distinctissimo, lustre e ornamento do clero portuense.

S. Ex.^a Rev.^{ma}, que desde agora occupa a primeira dignidade do Cabido da Sé do Porto, tem uma brilhantissima carreira publica.

O seu pujante talento e amor ao estudo revelou-se d'um modo admiravel quando estudante do curso theologico no Seminario do Porto, obtendo o 1.^o premio no segundo e no terceiro anno d'este curso. Mas não se evidenciou apenas em merito scientifico: foi tão exemplar o seu comportamento, que obteve premios em merito moral, religioso e disciplinar, recebendo no fim do curso, em 1879, o premio denominado «Do Cardeal D. Americo». Era a primeira vez que este premio se conferia.

Nos exames de latinidade, 2.^a parte, de philosophia, 2.^a parte, e de introducção, que fez no Lyceu do Porto, foi approvedo com distincção.

Em setembro de 1881 foi ordenado presbytero. N'este mesmo anno matriculou-se em direito na Universidade de Coimbra, merecendo durante o curso a classificação de distincto e *accessit*,

Em 1886 foi nomeado chanceller do Bispado, logar que occupou até que, em agosto de 1888, foi nomeado professor substituto do Seminario do Porto, e professor effectivo em 12 de dezembro de 1889, sendo-lhe confiada a regencia da cadeira de Historia Ecclesiastica.

Em 25 de setembro de 1890 foi apresentado Conego da Sé do Porto, sendo collado em 25 de novembro do mesmo anno e tomando posse no dia 29.

Em 21 de junho de 1894, tendo se aggravado os padecimentos do fallecido dr. Torquato Pereira Soares da Motta, o Em.^{mo} Sr. Cardeal D. Americo, conhecendo os meritos e as virtudes do rev.^{mo} sr. Conego Coelho da Silva, nomeou-o Vigario Geral e juiz dos casamentos. Passou então a reger a cadeira de Direito Canonico, em que é professor eximio, com bem fundada reputação em todo o paiz.

Em 1896, o Santo Padre Leão XIII, querendo dar um testemunho d'apreço ao nosso biographado, nomeou-o protonotario apostolico.

Tendo fallecido o pranteado Cardeal D. Americo, o ex.^{mo} Cabido, em sessão de 24 de janeiro de 1899, elegeu-o Vigario Capitular *sede vacante*. Em agosto do mesmo anno, o actual Prelado d'esta diocese nomeou-o Provisor e Vigario Geral do Bispado.

Finalmente, em 21 d'agosto do corrente anno, recebeu a collação canonica na cadeira e dignidade da Sé do Porto, tomando posse a 11 do mez findo.

Eis a largos traços os apontamentos biographicos de S. Ex.^a Rev.^{ma}

O que é certo é que, rapida como tem sido a carreira do actual rev.^{mo} Deão, é devido isso, unica e exclusivamente, ás suas extraordinarias qualidades.

Em S. Rev.^{ma} alliam-se intimamente o talento, o trabalho, a sciencia e a rectidão.

E' por isso que S. Rev.^{ma} tem uma personalidade inconfundivel, que se impõe, que attrahe, que brilha.

Terminamos, pedindo nos seja relevada a pobreza das nossas palavras, que, singelas como são, nem por isso deixam de ser sinceras e respeitosas; e receba S. Rev.^{ma} os nossos effusivos parabens pela graça que lhe fôra concedida e que tão bem a merece.

Secção piedosa

Indicador religioso da quinzena

Outubro

- 15—Dom. (18.º depois do Espirito Santo) Santa Thereza de Jesus, V. Reformadora da Ordem Carmelita.
 16—Seg. Ss. Martiano e Comp. Mm.
 17—Terç. Santa Hedwiges, viuva, duqueza da Polonia
 18—Quart. S. Lucas Evangellista.
 19—Quint. S. Pedro d'Alcantara, Conf.
 20—Sext. (Abst. de carne) S. João Cancio, Conf.
 21—Sab. Santa Ursula e suas Comp. V. Mm.
 22—Dom. (19.º depois do Espirito Santo) Santa Maria Salomé.
 23—Seg. S. João Capistrano, Conf.
 24—Terç. S. Raphael Archanjo
 25—Quart. S. Crispim e S. Crispiniano, irm. Mm.
 26—Quint. S. Evaristo, P. M.
 27—Sext. (Abst. de carne) Os Ss. Mm. de Evora
 28—Sab. (abelido) S. Simão e S. Judas, Ap.
 29—Dom. (20.º depois do Espirito Santo) Trasladação de Santa Isabel, rainha de Portugal



SANTA ISABEL, RAINHA DE PORTUGAL

- 30—Seg. S. Serapião, B. Conf.
 31—Terç. (Jejum) Vigilia de Todos os Santos. S. Quintino, M.

Evangelho

(18.º Domingo depois do Pentecostes)

N'aquelle tempo, havia um regulo, cujo filho estava doente em Caparnaum. Tendo este ouvido que Jesus vinha de Judeia para Galileia, foi ter com elle e rogou-lhe que descasse a sua casa e curasse a seu filho, porque esta-

va a morrer. Disse-lhe, pois Jesus: «Vós se não vêdes prodigios e milagres, não crêdes.» Disse-lhe o regulo: «Senhor, vem antes que meu filho morra» Disse-lhe Jesus. «Vae, que teu filho vive.» Deu o homem credito ao que lhe dissera Jesus e foi-se.

E quando já ia descendo, vieram os creados sair-lhe ao encontro, e deram-lhe novas de que seu filho vivia. E como lhes perguntasse a que horas se tinha o doente achado melhor, lhe responderam: «Hontem ás sete horas o deixou a febre».

Então conheceu o pae ser aquella mesma hora em que Jesus lhe dissera:

«O teu filho vive», e creu n'elle e toda a sua familia.

S. João, cap. IV, 46-53.

Apostolado da oração

Intenção geral de Outubro: Instituições christãs em favor da infancia.

Oração quotidiana: Offereço-vos, oh meu Deus, em união com o SS. Coração de Jesus e por meio do Coração Immaculado de Maria, as orações, obras e soffrimentos d'este dia, em reparação de todas as offensas, e por todas as intenções pelas quaes o mesmo Divino Coração está continuamente intercedendo e sacrificando-se nos nossos altares.

Eu vos as offereço, em modo particular, pelo desenvolvimento das instituições christãs a favor dos aprendizes e jovens operarios.

Resolução apostolica: Contribuir para a criação e conservação d'aquellas instituições.

Sobre o Rosario

Entre os distinctos personagens amantes do santo Rosario, citaremos a *O' Connell*, que o rezava em Londres, na Camara dos Deputados, enquanto a sorte da Irlanda se decidia por meio das réplicas ao seu magnifico discurso, advogando a sua independencia, e a votação que se seguia áquellas acaloradas discussões.

Garcia Moreno, presidente da republica do Equador, rezava diariamente o Rosario, e a elle recorria nas difficuldades que ás vezes encontrava para levar a cabo suas catholicas empresas.

O sabio *Ampère* e o catholico e caritativo escriptor *Ozanam* fundavam tambem todas as suas esperanças no Rosario, e rezavam-no devotamente todos os dias.

O *Dr. Recamier* considerava o Rosario como uma campanha que havia de tocar para obter a cura dos seus enfermos.

Silvio Pellico recorria ao Rosario em todas as difficuldades que se oppunham á realisação de suas legitimas esperanças.

Haydn tomava o Rosario e passeava rezando *Ave-Marias* quando lhe faltava a inspiração; e então, como elle mesmo confessava depois, a inspiração accudia.

André Hefer, o grande patriota do Tyrol, ia rezando-o com seus soldados, quando trepava pelas montanhas.

Miguel Angelo rezava-o tambem com fervor, e em seu famoso fresco do «Juizo final» deixou pintadas duas almas que mutuamente se auxiliam com um rosario, pois por elle uma que já está no céu atrahê á outra.

Todavia conservam-se em Florença, em sua casa da Via Gabelina, dois rosarios seus de madeira e de grossas contas, muito usadas.

Mozart era igualmente entusiasta pelo Rosario, e resava-o diariamente. Quando o exito e os applausos coroavam suas composições, resava-o com fervor especial em acção de graças.

O grande *Murillo*, o inspirado pintor das imagens de Maria Immaculada, costumava resar o Rosario, contemplando extasiado em uma das egrejas de Sevilha o seu precioso quadro do Descendimento, e quando o encarregado da igreja o advertia com carinhosa attenção que era já hora de fechar, lhe dizia: «Deixe-me resar uma dezena mais, a ver se entretanto acabam de baixar ao Senhor.»

Quando era ainda menino o celebre *Christovão Gluck*, mestre de musica da infortunada rainha de França, Maria Antonietta, depois de haver cantado admiravelmente um motete de Clari, se lhe aproximou um Religioso, com os olhos humidos pela emoção, o estreitou ao peito, e felicitando o com terno enthusiasmo:

«Não tenho mais nada que dar-te como penhor das minhas sympathias do que este rosario. Conserva-o como uma lembrança de Fr. Anselmo, e sobretudo dá-me a palavra de resal-o todas as noites. Esta pratica atrahirá sobre ti muitos bens; e, se perseverares n'ella, o céu abençoará teus esforços, chegarás a ser celebre entre os homens, e digno um dia dos concertos celestiaes». Prometteu-lho o menino *Gluck*, e continuou resando desde então o seu Rosario todos os dias, não abandonando até á morte o que elle chamava com fervorosa piedade: «O meu breviario musical».

Proximo á morte, o inspirado poeta *Torquato Tasso*, auctor da *Jerusalem libertada*, pediu a seu amigo *Rubens*, joven então, que lhe collocasse ao pescoço o rosario com a imagem da Virgem, que ao pae d'este havia presenteado em outro tempo, dizendo-lhe: «Tu poderás receber-a quando meus labios tiverem deixado n'ella o meu ultimo suspiro.» Fê-lo assim *Rubens*, e o *Tasso*, passando por entre as suas mãos as contas do Rosario, balbuciando a *Ave Maria* e beijando fervoroso a imagem da sua celestial Protectora, expirou suavemente.

X.



Litteratura

O pequeno miraculado de Lourdes

A tuberculose arrastava com rapidez a vida d'uma creança de dez annos ao funesto desenlace annuciado pelo medico. Renato estava ás portas da morte, que tem tambem direito sobre a infancia: era mister acatar os designios da Providencia.

Havia tanto tempo que os paes do pobre menino não pensavam n'ella!...

Choravam sem consolação: não queriam desprender-se d'aquelle pedaço da sua alma: julgavam triste e desprezível a existencia, se havia de deixar a vida o filho unico do seu amor. Apesar das amarguras, tristezas e lagrimas dos paes, o filho achava-se nos humbraes da eternidade.

—Morro, mamã! dizia o enfermo postrado no leito. Querias pedir-te uma cousa: fazes-m'a?

Louca de dôr, a mãe correu a lançar-se ao pescoço de seu esposo, e juntos vieram de novo regar com suas lagrimas a fronte do moribundo, e juntos prometteram conceder-lhe quanto quizesse, na persuasão de que era a ultima supplica do ser idolatrado.

—Papá, mamã, não choreis, dizia o menino commovido. Quero receber a primeira Communhão para morrer tranquillo. Sei muito bem o que peço.

Ensinaram-m'o os Irmãos do collegio, principalmente o que me visita todos os dias.

—Filho da minha vida! Filho da minha alma! exclamaram a um tempo os seus desventurados paes. Recebe a primeira Communhão e sê feliz, como o fômos nós quando recebemos o Senhor: communga e pede por nós ambos ao Deus amorosissimo que temos olvidado.

Um sacerdote confessou e fortaleceu logo com o Pão dos Anjos o menino moribundo que pouco depois recebeu tambem o ultimo Sacramento com que a Igreja despede a seus filhos da terra para abrir-lhes as portas da felicidade eterna.

—Já não temos filho! soluçou a mãe, vendo-o sem movimento. Sim! gritou logo, notando que fixava a vista no tecto. Filho da minha alma! não nos abandones!

Renato continuou como immerso nas delicias de um extase divino, sem ouvir os gritos e lastimosos ais de seus paes.

—Mãe, papá, murmurou depois de um bocado. A Virgem quer curar-me...

—Oh! permitti isso, Virgem Santissima, exclamaram os dois esposos, cahindo de joelhos e levantando os olhos ao céu.

—Escutae-me, ajuntou Renato, cada vez mais animado. A Virgem offerece-me a saude, se fôr a Lourdes.

—Virgem de Lourdes, bendita sejaes! gritavam transportados de alegria.

A creança derramou uma lagrima e continuou:

—A Virgem pede tambem para curar-me a vontade de meus paes: assim o disse. Que me dizeis?

As suas palavras revestiam o character que podera imprimir-lhes um Anjo; ninguem negaria o assentimento aos accentos commovedores do menino; como poderiam negal-o seus proprios paes?

Ambos o estreitaram de novo em seus braços, gritando com phrenesi:

—Vive conosco, filho de nossas lagrimas!...

—E que mudeis de conducta para o futuro, é o que pede a Virgem para conceder-me a saude. Prometteil-o?

—Prometto! assegurou a mãe, pondo a mão sobre o coração.

—Jurc-o! ajuntou o pae, beijando a fronte do filho.

—Tenho fê; serei curado, concluiu este, cerrando tranquillamente os olhos, enquanto que os auctores de seus dias choravam de consolação, como choram os arrependidos.

Passados dias chegaram á estação de Lourdes a mãe e o filho, bem persuadidos de obter a graça promettida, apesar das phrases desconsoladores de quantos se lhes acercavam.

O pobre Renato não dá conta de nada até sentir a impressão da «agua milagrosa» que banhava o seu corpo.

Um abalo rapido e forte pôz em movimento todos os membros da creança, que saltou rapidamente da agua, e correu por toda a estancia, gritando com a energia dos pulmões mais robustos:

—Estou bom; deixae-me. Viva a Virgem! Porque não gritaes comigo: Virgem de Lourdes, obrigado! Eu sou Renato. Bendita sejaes.

A estas expressões incoherentes, porém nascidas de um coração agradecido, responderam os soluços dulcissimos da mãe, e a admiração e assombro dos reunidos ao pé da piscina.

Todos chegaram a prostrar-se aos pés da Virgem, e nenhum se resolvia a levantar se do lugar abençoado pela Rainha dos céus.

A mãe e o filho tinham que regressar a sua terra, porém nem a mãe nem o filho podiam separar seus olhos do doce olhar da Virgem. Beijaram mil vezes o santo roche-

do, banhando-o com lagrimas de gratidão, e outras mil offereceram seus corações aquella que sabe encher-nos de bênçãos divinas. Quão grato lhes houvera sido permanecer sempre ao lado de tão bondosa e compassiva Mãe!

—Sou vosso, minha Mãe! suspirou Renato, fazendo um supremo esforço por despedir-se da Virgem. Não me desampareis! Lembrae-vos sempre do vosso Renato; adeus; bemdita sejae!

—Mãe do filho que vos offereço, prometteu aquella mulher agradecida, não cessará minha lingua de bemdizer-te na terra!

—Adeus, exclamou por fim o menino; eu sou vosso filho; sê le vós minha Mãe!

Quando o pae de Renato pôde dominar a emoção de sua alma ao vê-lo «são e robusto» na casa d'onde o viu sabir morto, disse grave e solememente:

—Juro por quem sou que não fechará o Governo impio o santuario milagroso de Lourdes, sem primeiro passar por cima do meu cadaver!...

(Trad.)

IBERO.



Estudos

Crenças druidicas

Os druidas associavam intimamente a medicina, a astronomia e a religião; criam que a alma era immorttal e que as estrellas eram mundos habitados successivamente pelos emigrantes espirituaes da terra; consagravam um estudo especial ás phases da lua, que imaginavam um corpo como a terra, com montanhas e outros accidentes de terreno semelhantes, e de que faziam o lugar das almas felizes. Para elles, a lua era a séde e o testemunho evidente da immortalidade. Por este motivo, o postico astro da noite occupava um lugar importante na sua religião. A data de todas as festas era fixada no dia que lhe era consagrado, e a sua presença solicitada em todas as ceremonias e invocados os seus raios. E' por isso que, em virtude da veneração que elles lhe tributavam, se representam geralmente os druidas com um crescente na mão. O crescente da lua de dez dias consideravam-n'o como o emblema, no céu, do barco maravilhoso que se chama *Llong Voel*. O povo de Galles chama ainda hoje ao crescente da lua o nome de *Llun* (a imagem). O *Llong Voel* ou Barco Nu, sem mastros nem remos (porque elle recebia a sua força motriz do proprio espirito da Rainha do Céu), é ainda symbolisado pela coiraza de oiro levada pelo archidruida. Os druidas appellavam para a lua em epochas de motins populares e durante os momentos criticos. Fallando dos romanos, refere Tacito que elles encontraram no paiz de Galles uma resistencia encarnizada dos bretões armados, os quaes eram conduzidos pelos druidas, que, levantando as mãos ao céu, invocavam os deuses do cimo das montanhas e espalhavam maldições sobre os invasores, enchendo de terror, nesse momento, os corações dos soldados romanos.

Os druidas suppunham que a sorte era mais propicia quando o circulo da lua era completo. A palavra *rath*, que em gallense significa roda ou circulo, tambem quer dizer fortuna.

Elles acreditavam na influencia da lua tanto sobre as coisas humanas como sobre as coisas inanimadas. O crescente, a lua cheia ou o quarto minguante eram os emblemas da prosperidade, do bom successo ou da decadencia,

e o momento de emprehender um negocio importante era escolhido segundo as phases da lua.

A convicção de uma vida futura nos planetas estava tão profundamente firmada entre os druidas, conta Pomponius Mela, que elles tinham o costume de emprestar dinheiro com a condição de ser restituído no outro mundo.

Os vates ensinavam a estreita afinidade que reina na natureza — os mundos immensos movendo-se através do espaço em harmonia com este mundo.

O sol era para elles a residencia do Grande Espirito, e a lua a da esposa d'este; assim, o sol, governava o dia, e a lua governava a noite. D'aqui deduziam que o homem, —o soberano do dia—era guiado pelo sol, e a mulher, pela lua. O sol imaginavam-no um ser vivo e a morada do Filho de Deus, que n'elle residiu um anno apenas; após a sua morte, no dia mais pequeno, e depois de quarenta horas de profunda noite, appareceu o seu successor sob a fórma de uma criança divina, que augmentava de força até 25 de junho, época em que começava a sua decadencia.

Os vates ensinavam que a mulher tinha cada mês tres periodos brilhantes e um periodo obscuro.

Conheciam muito bem o zodiaco e sabiam que o sol gasta cerca de 365 dias para percorrer os doze signos e que está cerca de 30 dias e meio em cada um; consideravam este numero como o tempo mais brilhante da vida para o homem, o qual attingia a idade da puberdade quasi no meio d'este periodo, estava em plena força aos 45 annos e aos 61 chegava ao periodo da madureza, da sabedoria, e depois passava o meridiano.

Além dos doze signos do zodiaco, diz-se que os druidas dividiram o hemispherio boreal em doze signos denominados *Tyrosogae'hau*, (guias ou conselheiros), e o hemispherio austral em outros tantos, chamados *Cyfiaw'nion*.

Representavam estes 24 signos auxiliares dos céos por dois circulos cortando-se mutuamente como duas malhas de uma cadeia, e cada circulo era formado por doze columnas. No centro de cada um d'elles, encontrava-se outro circulo mais pequeno, formado igualmente por doze columnas, representando cada uma os doze signos do zodiaco, para mostrar que o zodiaco affectava igualmente os circulos de cada um dos hemispherios.

As estrellas e outros corpos celestes eram tambem venerados, ainda que em menor grau. A via lactea era para elles a cidade de Gwyon, cujo genio, chamado *Dow*, habitava a constellação de Cassiopéa. Outra personagem da fabula, chamado Arthur, tinha a sua residencia na Ursa maior, que os druidas denominavam *carro de Arthur*.

A prova dos conhecimentos astronomicos dos druidas é-nos fornecida por numerosas moedas, que teem sido encontradas na antiga Gallia, cujos habitantes praticavam tambem o druidismo.

Em algumas d'estas moedas ou medalhas encontram-se symbolos astronomicos, taes como: o sol, a lua, a ursa maior e diversas constellações.

A maior parte d'estes signos parecem ter sido recebidos dos chaldeus e dos egypcios e transmittidos aos druidas pelos phenicios. Muitos circulos concentricos, o crescente com um pequeno corpo espherico ou uma estrella e uma linha em zig-zague, symbolizavam no Egypto o sol, o mês, o anno e a agua; parecem ter conservado a mesma significação entre os druidas.

Do mesmo modo, deparam-se-nos igualmente nas armas de bronze encontradas na Bretanha, na Allemanha e nos paizes escandinavos, outros signos, assim como suas combinações multiplas, circulos concentricos, pequenas espheras, anneis, caracteres alphabeticos, recordando a fórma de uma constellação, de uma roda com seus raios, etc.

O curioso costume de representar as concepções astrológicas nas moedas, não é só particular aos povos orientaes; na China, na Corêa e no Japão tem-se encontrado moedas, nas quaes apparecem gravados igualmente os signos do zodiaco.

Nas suas ceremonias, os druidas dirigiam invocações ao sol, á lua, ás estrellas e aos outros phenomenos visiveis; mas elles criam que acima da Natureza havia um grande principio gerador e propulsor que os celtas collocaram entre os deuses supremos, numa epoca talvez mais recente.

Seus conhecimentos de astronomia eram taes, — conta Toland, — que, em um dos seus templos na ilha de Lewis, cada pedra está disposta segundo as leis da astronomia.

Uma especie de vidro cu antes de substancia vitrea, que se encontrou nos dólmen, mostra que a fabricaçã do vidro não era ignorada dos druidas, que d'ella possuíam provavelmente o segredo dos phenicios.

Entre as divindades veneradas pelos druidas, contam-se Mercurio, inventor das artes, Apollo, Marte e Jupiter.

O cubo era empregado entre elles como o symbolo de Mercurio, e tambem significava: verdade, e a Jupiter consagravam o mais alto e o mais formoso carvalho.

Os druidas celebravam as ceremonias religiosas e os ritos mysteriosos nas collinas e nas florestas de carvalhos, que cercavam seus templos sagrados chamados *lluyne* e em que se encontravam *gorseddau*, ou monticulos, d'onde proferiam seus decretos ou prégavam ao povo; *carneidau* ou accumulacão de pedras, sobre as quaes faziam adorações particulares; emfim, *cromlechau* ou altares, nos quaes realisavam ceremonias ou sacrificios.

Com o consentimento unanime da ordem inteira, o archi-druida ou chefe dos druidas escolhia o carvalho mais bello da floresta e realisava a cerimonia da consagração. Depois de ter cortado os ramos lateraes, procedia á reunião de dois d'elles na parte mais elevada do tronco, de modo que elles afigurassem os braços de um homem e que o conjunto parecesse uma cruz. Acima da inserção d'estes ramos e abaixo, inscreviam na casca da arvore a palavra *Thau* e celebravam em seguida as mais sacras ceremonias.

De todas as arvores, é o carvalho que parece ter sido o mais venerado pela raça aryana. Os allemães collocam-no entre as arvores sagradas e era, com effeito, a sua principal divindade. Notaveis vestigios do seu culto subsistem ainda hoje.

O carvalho era reputado sagrado entre todas as arvores pelos antigos habitantes da Italia. A imagem de Jupiter Capitolinus em Roma não era outra, segundo Tito Livio, senão um carvalho natural. A corôa civica dos romanos era de carvalho, e uma grinalda de carvalho era a recompensa dos serviços eminentes prestados ao Estado.

Os gregos adoravam Zeus como habitando no carvalho sagrado de Dodona, e o ruido das suas folhas era considerado como a sua voz.

Segundo os antigos gregos, as glandes constituíram a base da alimentacão do homem até ao dia em que Demeter fez conhecer o trigo.

Elles levavam ramos de carvalho a Eleusis, fóra da celebração dos mysterios.

Os quatro emblemas druidicos eram o trevo no solsticio da primavera, o carvalho no solsticio do verão, espigas de frumento no solsticio do outomno e o agarico no solsticio do inverno.

Algumas maximas ou sentenças dos druidas, que tem sido conservadas, lançam um pouco de luz sobre seus costumes e crenças.

Eis aqui algumas:

«Ninguem pode ser instruido senão nas florestas sagradas».

«O agarico deve ser colhido com respeito e, sendo possivel, durante o sexto mês. Deve ser cortado com uma foice de ciro».

«Toda a coisa provém do céu».

«Os arcanos da sciencia não devem ser confiados aos escriptos, mas só á memoria».

«O pó de agarico torna as mulheres fecundas».

«O que desobedecer será excluido dos sacrificios».

«As almas são immortaes».

«Depois da morte, a alma vai para outros corpos».

«Em certas circunstancias criticas, um homem pode ser sacrificado».

«Podem-se predizer os acontecimentos futuros pela maneira como o corpo cái ou se muda depois de ter cahido; segundo o modo como o sangue coagula e segundo a fórma da ferida».

«Os prisioneiros de guerra serão immolados sobre os altares ou queimados vivos nos manequins de aço, em honra dos deuses».

«O dinheiro emprestado neste mundo será entregue no outro mundo».

Ha um outro mundo, e os que se suicidam para acompanhar os amigos, lá viverão com elles».

«A Lua é o remedio soberano de todas as coisas».

«O que desobedecer será excommungado; será privado dos beneficios da lei; será esquivado por todos e tornado incapaz de qualquer emprego».

«Cada chefe de familia é senhor absoluto em sua casa, tem o direito de vida e de morte sobre sua mulher, seus filhos e seus escravos».

Os druidas praticavam a magia e especialmente a arte de predizer pelos signos. Suas predições eram sobretudo feitas examinando cuidadosamente as entranhas das victimas sacrificadas, e, pelo seu aspecto, julgavam se os deuses eram favoraveis ou não.

Tiravam tambem indicios da maneira de cahir da victima, das convulsões dos membros e tambem da maneira como sahia o sangue do corpo, immediatamente depois de ter recebido o golpe fatal.

Prediziam os acontecimentos futuros observando attentamente os poços sagrados e os cursos de aguas, depois de as ter agitado com um ramo de carvalho ou por meio de uma varinha magica.

O primeiro dia de novembro era para elles como a noite do mysterio.

N'esta data celebravam, cada anno, a reconstrucção do mundo. A esta celebração accrescia uma terrivel cerimonia, porque as druidizas eram nesta occasião obrigadas a abater e reconstruir a abobada do seu templo, como symbolo da destruição e reconstrucção do mundo. Se uma d'ellas, levando os materiaes destinados á reconstrucção da abobada, deixasse cahir o fardo sagrado, estava perdida; suas companheiras, tomadas subitamente de um transporte fanatico, precipitavam-se sobre ella e despedaçavam-na, e conta-se que raro era o anno em que não houvesse uma ou muitas victimas.

Na mesma noite, as druidizas extinguíam o sacro fogo que ardia noite e dia nos recintos sagrados.

A este signal extinguíam-se todos os outros fogos, uns após outros, e a obscuridade profunda da primeira noite reinava atravez da charneca. Então os phantasmas dos que tinham morrido durante o anno passado, retiravam-se para oeste e eram levados em barco ao julgamento do Deus da Morte.

Trad. de AVELINO DANTAS.





SACRIFICIOS DRUIDICOS

Maria

O mez do Rosario

E' bem justo que nós, os amantes da SS. Virgem, lhe consagremos o mez d'outubro, a que chamamos mez do rosario. E' o Rosario uma das devoções que a Virgem mais gosta, pois que assim o confessou ao seu bemaventurado servo S. Domingos de Gusmão; e a santa Igreja, em homenagem a Maria, mandou addicionar á ladainha esta invocação: «Regina Sacratissimi Rosari».

Os favores que a Virgem tem feito á humanidade por meio do seu rosario, são inarraveis.

As graças, que tem concedido ás almas que teem tão santa devoção, não tem numero! Oh! Maria sorri-nos quando nos vê com devoção e fervor passar as contas do seu rosario; e com as suas bemditas mãos entretece, dos Padres nossos, Ave-Marias e Glorias, uma corôa de lindas flores com que nos cingirá a fronte, em recompensa da nossa devoção. Oh! mas quanto maior não será o premio que nos concederá, se nós com a oração vocal acompanharmos mentalmente a SS. Virgem e seu SS. Filho em todos os passos da sua vida, como o rosario representa, nas tres partes em que está dividido? Primeira parte:

mysterios gososos—annunciação, visitação, nascimento de Jesus, sua apresentação no templo e quando a Virgem o encontrou entre os doutores da lei.

Segunda parte, isto é, segundo terço: mysterios dolorosos e Jesus no jardim das Oliveiras, Jesus açoutado, Jesus coroado de espinhos, Jesus carregado com a cruz e Jesus morto. Terceiro terço: mysterios gloriosos—Resurreição de Christo, a sua ascensão ao céo, a descida do Espirito Santo sobre os apóstolos, a assumção da SS. Virgem e a sua coroação pela SS. Trindade. Oh! que vastissimo campo para as nossas meditações! Ahi conheceremos o quanto a SS. Virgem nos amou, o preço da nossa redempção e tomaremos a resolução de tratar seriamente da salvação da nossa alma, como cousa unica e absolutamente necessaria para conseguirmos a felicidade eterna. Oh! o rosario da SS. Virgem é essa cadeia sublime, mysteriosa que une o céo com a terra; que prende Deus á sua creatura! O rosario encerra doces encantos para quem acalantar em sua alma a virtude da fé; encerra suavissimas delicias, para quem tiver esperança; é um manancial de gosos puros para quem tiver na sua alma, bem assente, a virtude da caridade! Oh! bemdita a devoção do rosario, e bemdito o mez do SS. Rosario! E se nós, os devotos de Maria, em retribuição do seu amor lhe consagramos o mez das flores, dos perfumes e dos encantos; porque lhe não havemos de consagrar o mez d'outubro, como

reconhecimento dos seus innumeraveis beneficios? Receiamos não ter flores para adornar o seu altar? Oh! as flores que Maria mais preza é a nossa oração sincera, nascida de corações bem formadas e almas puras. Tratemos, pois, de adornar a nossa alma com a flor bemdita da pureza e não tenhamos receio de fazer este mez por nos faltarem flores e perfumes para adornar o altar de Maria; porque ella, com a nossa alma assim preparada, acceitará as nossas preces e obter-nos-ha de Jesus grandes graças. O que é necessario e de que a Virgem mais gosta, é que lhe peçamos muitas graças para nós e para a Santa Igreja e almas bemditas do purgatorio; que conversemos com Ella como um filho com sua mãe, que lhe contemos todas as nossas maguas, todas as nossas necessidades e todas as alegrias, se as tivermos; e d'esta conversação intima com a nossa divina mãe do céo, oh! que vem sairemos do pé do seu altar, e com que fructo preciosissimo faremos o mez do Rosario que a Santa Igreja benevolmente dedicou á Virgem!

M. M.



Secção social-christã

A cooperação entre os Japonezes

Talvez uma das principaes causas da riqueza material do Japão, agora exteriorizada por motivo dos empréstimos para a guerra, está nos progressos das instituições cooperativas que n'aquelle paiz adquiriram um desenvolvimento verdadeiramente admiravel.

A associação cooperativa não é uma novidade no Japão: vae em muitos annos que existe, sendo a sua fórmula primitiva a associação para a venda em commum da seda. Estas associações japonezas são conhecidas já no seculo XVIII, e têm ido estendendo-se por todo o imperio á medida que os povos vão tendo noticia dos seus excellentes resultados.

Segundo uma estatística referente a 1903, tinha n'esta epocha o Japão 357 cooperativas de credito; 101 de consumo; 42 de venda; 16 de producção e 67 mixtas. E' notavel o facto de predominar as cooperativas de credito, que parecem ser o mais perfeito da cooperação. Instituiu estas cooperativas em 1830 um estadista japonês chamado Ninomya Soutaku, que adquiriu grande fama em seu povo por sua sciencia e por sua boa conducta.

São estas associações muito semelhantes ás Caixas allemãs do typo Raiffeisen e tratam, em primeiro lugar, de soccorrer aos mais pobres, dando mais valor á honradez que á fortuna do socio, os empréstimos concedem se por longos prazos, que alcançam até dez e mais annos, e os cargos administrativos são sempre gratuitos.

Certas cooperativas japonezas de credito têm alguma analogia com as sociedades Schulze Dulzsch, pois impõem a cada socio a obrigação de fazer determinados depositos na Caixa social, depositos cujos interesses de 5 % se distribuem entre o depositante e a Sociedade.

As sociedades cooperativas do Japão costumam ser subvencionadas pelo Estado, e os fundos restantes, depois de acudirem aos empréstimos societarios, empregam-se na acquisição de terrenos, cujo valor se augmenta com uma cultura aperfeiçoada consoante os progressos da sciencia agronomica.

Muitas d'estas associações fazem empréstimos ás corporações populares ou acodem aos mercados de valores

publicos, contribuindo de todas as maneiras e de um modo poderoso para o fomento da riqueza publica.

Para que nada falte a esta sabia organização do credito popular japonês, existem as federações provinciaes, cuja força economica é enorme, e uma União geral com seus Conselhos e seus inspectores de contas, que procedem com uma severidade salutarissima.

Parece que estas cooperativas, cujo fundamento está em instituições tradicionaes do Japão, se reorganizaram n'estes ultimos annos, tomando por modello as Caixas de credito popular alemãs; porém com esse talento de assimilação propria dos japonezes se arraigaram de um modo maravilhoso n'aquelle paiz, contribuindo, indubitavelmente, para essa prosperidade material, que tão cara ha custado aos russos.

Pius.



Escreptos Religiosos

Incredulidade

(Excerptos)

X

Duas causas levam o homem a reagir contra a doutrina christã: a incredulidade do espirito, que se revolta contra a auctoridade, por exigir o sacrificio das luzes da razão; e a depravação do coração que, dominado pelas tendencias viciosas, o leva a repellir uma religião, que ameaça punir o mau, com penas eternas.

O orgulho e a libertinagem: eis as fontes d'onde mana a incredulidade.

O orgulho não se prende só com os bens exteriores, que elevam o homem acima de seus semelhantes: irrita-se, revolta se tambem contra a Divindade que lhe dicta suas leis. D'aqui provém o apêgo ao sentimento particular, a esta liberdade de pensar, tão querida dos incredulos; a este desejo insaciavel de tudo saber e comprehender; a esta vã confiança, que julga descobrir a verdade, sómente com os auxilios da razão; a esta licença, sem termo nem limite, que cada dia gera novas monstruosidades!...

Julga o soberbo elevar-se acima de todos, desprezando a religião; e faz por isso publica ostentação de incredulidade, querendo adquirir uma celebridade, que lisongeie seu orgulho.

Enfileira-se, pois, entre as pessoas *desempoeiradas*, e insulta e escarnece a credulidade dos fieis, que sujeitam sua razão a uma auctoridade, a qual o soberbo só consente que domine as almas vulgares.

Desde que sacode o jugo da auctoridade legitima, nada retém a violencia da paixão e do erro, dominado pela curiosidade, arrastado pelo ardor de discussões insensatas, o desejo da invocação multiplica seus erros, e tudo se traduz em revolta e pensamentos sediciosos.

Dado este primeiro passo, desprezada a auctoridade divina, nada sustém o homem no declive do abysmo.

A principio só declama contra o que elle chama abusos da religião, da Igreja e dos padres; mas, de erro em erro, acaba por negar todas as verdades religiosas.

XI

Não são sempre rapidos os progressos da incredulidade.

Não diz logo a principio, o incredulo em seu coração:

Não ha Deus. A fé em que foi creado, não lhe consente muitas vezes esta repentina profissão de atheismo.

Vae por partes.

Primeiro vae-se enfraquecendo em seu coração a ideia de Deus, e o respeito pela Religião e pela Igreja, cujas praticas e sacramentos vae pouco a pouco abandonando, sob o pretexto de que são invenções dos homens. E por este caminho está em breve impio declarado.

Zomba de tudo, põe em duvida as verdades mais fundamentaes da religião; regeita com ridiculo desdém tudo o que é sobrenatural; dá-se ares de sabio, pretendendo explicar pelas forças da natureza, os factos extraordinarios, que estão fóra do alcance da intelligencia humana; examina com vã curiosidade o destino da alma que, em sua alta sabedoria, decide acabar com o corpo!...

Finalmente, á força de imaginar difficuldades, acaba por desprezar os mysterios, por incompreensiveis, admittindo erros absurdos e ineptos; blasphema do que não conhece, condemna o que, por completo, ignora, sacrifica á sua vaidade de livre pensador, o que recusa á auctoridade de Deus!.

E chega a este estado infeliz arrastado pelo louco orgulho de querer tudo sujeitar á sua razão; e pelo espirito indocil, que não quer submeter-se aos ensinamentos da fé!...

Entretanto, se fôsem rectos seus pensamentos, se se não deixasse dominar pela vaidade, conheceria o incredulo que a sua falta de fé não é mais que a consequencia da sua temeridade, ignorancia e amor proprio...

A verdadeira elevação de espirito consiste em conhecer e prestar homenagem á sublimidade da Fé.

A verdadeira sciencia faz o homem docil ás verdades reveladas: a impiedade é o vicio dos espiritos fracos e revoltosos.

X I I

Outra origem fecunda da incredulidade, é a depravação do coração. Desde que se entrega ao vicio, tracta o homem de justificar seus actos, e de suffocar os remorsos.

A Lei de Deus, presente a seu espirito, dá-lhe continuo rebate no coração, e não lhe consente um momento de descanço. Apresenta-lhe o espectáculo de suas desordens, e os castigos que lhes são reservados. A consciencia exproubra-lhe o abuso, que faz das luzes com que Deus o dotara: e a ameaça dos castigos perturba sua alma, e mantém-na em permanente desassocego.

O verdadeiro meio de acalmar estes remorsos e restituir ao espirito a paz perdida, seria reprimir as paixões, pôr termo ás desordens e voltar a cumprir com fidelidade as praticas da Religião; mas o amor desordenado do prazer prende-o ás creaturas e ás loucuras do mundo. Este apresenta-lhe objectos encantadores, sensações fascinadoras, passatempos agradaveis; e o Evangelho só lhe promette mortificações presentes e felicidades futuras!...

Como resolver se a desprezar o que encanta seus sentidos no presente, em troca de uma felicidade, em que se não acredita?

N'estas disposições toma o incredulo uma resolução desgraçada: querendo conservar uma paz, embora apparente e falsa entrega-se todo ás loucuras. E como isto se não conforma com as doutrinas da Religião, despreza seus preceitos; subtrahese á sua benefica influencia; de clara-se em guerra aberta com Deus e a sua Igreja!...

X I I I

Dá então livre curso a suas paixões. Libertado da Lei de Deus; não temendo a lei humana, que, em muitos ca-

sos não castiga, e n'outros é facilmente illudida, nada se oppõe á completa satisfação de seus caprichos!...

Depois já o mal adquirido lhe não pesa na consciencia, já a oppressão do innocente lhe não perturba o somno; já o espectáculo das victimas, que abysmou no tremedal do crime, lhe não povoa a mente, em noites de insomnia; já póle entregar-se a todos os desvarios, porque os castigos de Deus são para elle uma chimera, e o remorso não tem entrada em seu coração!...

Imcommodavam-o as ameaças da Religião; a voz do padre chamava-o ao seu dever, era lhe importuna; a luz da fé era um dique á corrupção do coração. Que fazer? Ou submeter-se, ou passar por cima de tudo, dizendo: Não ha Deus!

E o desgraçado, dominado pela corrupção do coração, torna-se incredulo declarado; e, desfraidando ao vento a bandeira da razão, proclama bem alto a sua independencia, sem ver que, sacudindo o suave jugo da Fé, se submete ao aviltante imperio das paixões, de que fica sendo misero escravo!...

Eis a sorte desgraçada, que espera o incredulo!...

JOSÉ VICTORINO PINTO DE CARVALHO,

Abade de Mancellos.



Boletim científico

Uma invenção notavel

Está despertando o mais vivo successo o invento de um padre romano, Monsenhor Luiggi Cerebotani, cujas descobertas, do dominio da electricidade, são innumeraveis. Este sabio esteve recentemente em Londres, onde alguns dos seus apparatus vão ser submittidos a experiencias pela direcção dos telegraphos e pelos ministerios da guerra e da marinha. O seu vivissimo desejo de ter o mesmo acolhimento em Paris nas administrações respectivas, levou-o áquella cidade, onde foi já ouvido pela commissão das invenções dos exercitos de terra e mar.

Este theologo apaixonado pela sciencia, tem uma apparencia insinuante de pensador, sob os seus cabellos brancos ondeados.

Nasceu n'uma modesta aldeia de Lonato, em 1847. Assistiu, como ajudante da ambulancia, á batalha de Solferino. Enviado a Roma a seguir a carreira ecclesiastica. empregava as suas horas vagas a estudar phisica na Universidade de Roma. Foi em Munich, onde esteve como preparador, que se revelou a sua vocação; e foi alli que fez as suas primeiras descobertas.

Monsenhor Cerebotani trabalhou especialmente nos estudos da electricidade. Algumas das suas descobertas deram-lhe uma notoriedade universal no mundo scientifico.

A primeira foi o *Selector*. Assim como o seu nome indica, este apparatus escolhe não só a natureza da corrente electrica que lhe convém recolher, mas ainda a intensidade d'esta corrente. De dimensões muito reduzidas, o *Selector* compõe-se de quatro pequenas bobinas collocadas horizontalmente n'uma pequena prancha de cerca de 15 centimetros quadrados. No intervallo que separa os dois pares de bobinas, encontra-se uma armadura susceptivel de oscillar entre dois bouthoir. Duas das bobinas, diagonalmente oppostas, são ligadas a um dos polos de uma pilha local. O numero de espiraes d'estas duas bobinas é superior ás das duas outras. Existe, pois, nm poder attractivo entre os dois pares de electro-imans.

O equilibrio entre as quatro bobinas é regulado de tal modo, que não pôde ser desfeito senão por uma corrente de pilha de uma intensidade determinada. Por exemplo, uma corrente de 10 a 25 *milampères* provocará um deslocamento da armadura, ao passo que uma corrente inferior ou superior a esta força não interessará a posição de trabalho; melhor ainda, sob a influencia de uma corrente «estranha», um indicio adjuncto ao *Selecter* assignalará que a linha está occupada.

E', portanto, possível, graças a este pequeno e maravilhoso aparelho, de uma extrema simplicidade de construção, que se adapta muito facilmente a todo e qualquer aparelho em uso, escalonar 10, 20, 30 postos n'um mesmo fio, tendo cada um d'estes um *Selecter* positivo ou negativo de differente poder.

Assim, sem multiplicar os fios, conseguir-se-há transmitir alguns despachos para estações diversas, sem que uma comunicação venha confundir-se com outra, e sem que chegue ás estações a que lhe não fôr destinada.

Estas mesmas vantagens pôdem applicar-se igualmente á telephonia, e algumas cidades dos Estados-Unidos adoptaram o *Selecter*.

Na phrase do proprio monsenhor Cerebotani, o seu ideal é vulgarisar as sciencias exactas, tornar accessiveis a todos, e especialmente aos que não receberam instrução especial, a comprehensão, a manipulação dos objectos apparentemente mais complicados.

Entre as suas invenções, contam-se o *Morseautomatico Teteulographo* para transmitir autographos, o *Qui quolibets*, aparelho telegraphico para imprimir; mas a mais importante é, sem duvida, o *Teletopometro*, destinado a executar rapidamente um resumo topographico.

A caracteristica do *Teletopometro* é não exigir de quem d'elle se servir nenhuma cultura scientifica e não necessitar de calculo.

O processo para tirar um resumo topographico é o seguinte:

N'uma folha de papel descreve-se a largos traços o aspecto dos objectos: destaca-se um certo numero de pontos que se numeram: esquinas, torres de egrejas, telhados, etc. Notam-se em seguida os pontos successivamente e uma agulha, que se move sobre a prancha inferior do aparelho, fixa no papel as posições respectivas com uma exactidão absoluta. Consegue-se assim, segundo a escala que se deseje, um summario topographico e uma vista perspectiva de uma precisão mathematica.

E' uma arma formidavel para um estado-maior em campanha! Da barquinha de um balão, de um navio em marcha ou parado, pode ter-se rapida e exactamente a topographia de uma praça forte, a indicação de uma esquadra em movimento ou ancorada, n'uma palavra, tudo o que estiver ao alcance da vista de um observador.

DR. * * *



Retrospecto da Quinzena

O Bispo de Tarbes, a cujo diocese pertence o sanctuario de Lourdes, apresentou no Congresso Mariano, de Roma uma magnifica estatistica, da qual se deduz que, desde 1867 a 1903 foram a Lourdes 4.271 peregrinações com 3.817.000 peregrinos.

Durante os tres ultimos annos os trens foram 1.637, as peregrinações estrangeiras subiram a 292, provenientes da Hespanha, Italia, Belgica, Allemanha, Austria,

Hungria, Portugal, Inglaterra, Irlanda, Estados Unidos, Canadá, Brazil e Bolivia.

De 1868 até setembro de 1903 estiveram em Lourdes 1.643 prelados, dos quaes 277 eram Arcebispos, 10 Primazes, 27 Patriarchas, e 63 Cardeaes; 757 eram estrangeiros.

Durante o anno jubilar, contando sómente as peregrinações nacionaes francezas, chegaram a Lourdes 320 trens especiaes de peregrinos, isto é, 100 trens a mais de que o anno anterior. A estes devem augmentar-se os peregrinos francezes que, em separado visitaram o santuario, cujo numero sobe a um milhão. As missas resadas na Gruta, na Basilica, e na Egreja do Rosario passam de 40:000, as communhões registadas foram 438:000. E' dizer que no anno jubilar as cifras duplicaram.

O escriptor hespanhol Blasco Ibañez publicou ultimamente uma obra romantica «A Cathedral», que pelo seu caracter essencialmente demolidor, arrancou da imprensa sectaria e satanica os mais calorosos e vivos encomios.

Em Portugal já estão annunciadas duas traducções da obra do escriptor atheu, como elle francamente se proclama.

Deixariamos passar o facto em silencio, por elle ser infelizmente bem trivial, se não se desse uma circumstancia digna de nota.

Huysmans, o celebre romancista catholico francez, offereceu ao catholicismo com a sua conversão as paginas grandiosas da sua «Cathedral», que se pôde considerar como a maior obra litteraria de que se orgulha a litteratura christã dos ultimos tempos, firmando assim a sua pujante individualidade como escriptor.

Ibañez, o escriptor atheu hespanhol, com a sua «Cathedral», toda decalcada sobre a de Huysmans, com que tentou destruir a obra catholica d'este, mostrou bem nitidamente a sua inferioridade mental ou antes completa nullidade perante a do grande escriptor francez, dando á luz um verdadeiro aborto, miseravel, nojento.

Já ficam, portanto, prevenidos os catholicos. Para a obra de Huysmans o lugar primacial que lhe compete nas suas bibliothecas. Para o parto atheu de Ibañez o desprezo, ou, se lhes fôr parar ás mãos... o fogo ou o lixo.

O presidente Loubet foi ultimamente visitar a cidade de Valence; na recepção da prefeitura Loubet respondeu ao Vigario geral, dizendo que as ideias de liberdade e tolerancia pacifica reinarão sempre em França, e que o clero com a sua attitude e a sua linguagem contribuirá para fortificar a paz e a união entre os cidadãos.

Respondendo a um pastor protestante, disse Loubet que a lei de separação não é uma ruptura; o parlamento e o governo esforçam-se porque a lei não provoque luctas e porque as opiniões religiosas sejam respeitadas ainda mesmo por aquelles que não téem nenhuma.

O arcebispo d'Utrecht na Hollanda, acaba de fundar uma sociedade que tem por fim crear uma Universidade catholica n'aquella cidade. A commissão é composta de dez membros, dos quaes são cinco bispos, tres senadores, um advogado e um abbade. Brevemente será aberta uma subscrição nacional afim de prover ás primeiras necessidades.

E' assim que na Egreja catholica se responde ás declamações furibundas da jacobinagem, que todos os dias enche as suas gazetas de falsas accusações á Egreja, não faltando entre todas a de ser inimiga do progresso, das sciencias e das letras.

Dizem de Roma:

Uma negociação dirigida com muito tino e discreção se effectuou entre o governo de mr. Rouvier e a Santa Sé para a nomeação de alguns candidatos aos Bispados vagos.

E' prudente proceder assim e não exigir que as 15 sés episcopaes sem titulares sejam providas simultaneamente.

Quatro candidatos sobre o nome dos quaes o accordo parece facil pderão abrir a sede de novas nomeações.

Não se fala em Rennes n'outra coisa que não seja a cura realisada em Lourdes, em circumstancias excepçionaes, d'uma menina hospitalisada ha mais de tres annos no Hotel-Dieu e que parecia atacada d'uma doença incuravel.

Mademoiselle Mathilde Lebreton, orphã ex-pensionaria das Irmãs da Grua, doriffo nem Rennes, de 19 annos, foi attingida pela tuberculose generalisada ha quatro annos, e, segundo a opinião do seu medico, o seu estado era desesperado.

Tinha as pernas tortas, um abcesso no quadril esquerdo e uma inchação no joelho direito; soffrera varias operações, especialmente uma raspagem d'ossos; o braço direito estava paralyzado.

Eis o que ella contou a quem a foi interrogar:

«Eu sentia-me desgraçada por me ver enferma aos 19 annos. Tinha confiança na Virgem Santa. Por tres vezes me banhei na piscina e fiquei no mesmo estado. Em 8 de junho dirigi-me á gruta. Orei durante muito tempo quando repentinamente senti grandes dôres nas pernas e nos braços. Disse ás pessoas que me rodeavam que me levassem e senti a alegria de andar, e poudo servir-me da mão que não podia mecher até essa occasião.»

E' inutil dizer a impressão que esta cura causou entre todo o pessoal do Hotel-Dieu e a todos os que conheciam o estado lamentavel em que se encontrava anteriormente essa joven, cuja alegria é hoje indescrível.

O *Momento*, de Turim, publicou uma entrevista do seu correspondente no Vaticano com o dr. Laponi, medico de Sua Santidade, que declarou que o Papa se acia o melhor possivel e que supporta bem os excessos do calor.

O seu organismo, são e robusto, sustenta melhor do que se poderia suppôr o pezo dos setenta e um annos. O seu unico inimigo é a gotta, que não o força, comtudo, a conservar-se no leito.

O medico visita regularmente o seu augusto cliente duas vezes por semana, ás quartas e sextas-feiras. O Papa observa uma regra de vida escrupulosamente methodica. Levanta-se ás seis horas e, depois de celebrar a sua missa a de almoçar dá um passeio a pé na avenida central dos arredores do Vaticano até ao sitio onde se ergue uma casita rodeada de vinhas, que tão apreciadas foram por Leão XIII nos seus ultimos annos. Sobee depois para a carruagem que o tem seguido de perto e entra nos seus aposentos.

Depois d'uma hora passada na bibliotheca, começa o seu trabalho diario.

As suas refeições são as mesmas do tempo em que era cardeal em Venezá. As mesmas disposições no *menu*, as mesmas horas e a mesma frugalidade.

Lêmos na excellente revista *Iris de Paz* que Cervantes tomou o escapulario da SS. Trindade a 17 de Abril de 1609 e por essa occasião prometteu e de facto cumpriu durante os sete annos que ainda viveu:—Ouvir missa todos os dias: todas as noites fazer exame de consciencia: commungar dignamente no primeiro domingo de cada mez: rezar a corda: não faltar nunca aos exercicios de oração e disciplina que se faziam na capella da congregação ás

segundas, quartas e sextas-feiras: visitar os hospitaes e acompanhar o enterro dos irmãos da congregação.

No anno de 1612 foi Cervantes um dos que promoveram que a confraria do SS. Sacramento empenhasse o monarcha a pedir á Santa Sé que a festa do S. José fosse celebrada em todo o mundo com grande solemnidade.

Em summa, catholico viveu e catholico morreu, e desceu ao tumulo amortalhado no habito de S. Francisco de cuja Ordem era Terceiro.

Neurologia

Falleceu depois de uma grave doença de quasi dois mezes, o sr. Bento de Queiroz Athayde Almeida e Vasconcellos, filho do nosso presado amigo dr. Valeriano de Queiroz Pinto Athayde, de Vizeu.

O seu enterro teve logar ás 5 horas da tarde, incorporando-se no prestito funebre a irmandade da Misericórdia, a corporação dos Bombeiros Voluntarios, asylados de infancia Desvalida e asylados das officinas de Santo Antonio.

De traz do carro funerario seguia o que em Vizeu ha de mais representação, tanto da classe ecclesiastica, como de militar e civil.

A toda a familia enlutada os nossos sentidos pezames, e pedimos uma oração por alma do finado.

EXPEDIENTE

Vamos enviar desde já para o correio os saques da importancia das assignaturas em divida.

Aos nossos estimaveis assignantes, que ainda não pagaram as suas assignaturas pedimos encarecidamente que attendam a esta circumstancia.

A imprensa catholica carece da protecção dos seus assignantes, e estes poderão protegala muitissimo com o pagamento integral das suas assignaturas.

Logo que todo o assignante faz tenção de pagar a sua assignatura, que lhe custará anteceder o seu pagamento?

Repetimos ainda: esperamos o pagamento integral de todas as assignaturas em divida, porque a imprensa catholica é o grande farol da Igreja nos tempos calamitosos que vão correndo, e aos catholicos impende o grande dever da sua conservação e progredimento.

Quem faltar a este dever trahe a sua missão, e é réu d'uma grande responsabilidade.

Os recibos de Braga e suas visinhanças estarão em breve em poder do ex.^{mo} snr. Pereira Villela, da rua da Rainha.

Desde já agradecemos as attentções a este nosso instante pedido.



CONDE DE SAMODÃES

O Mez dos Finados

MEDITAÇÕES PARA TODOS OS DIAS DO MEZ DE NOVEMBRO

Indulgenciado e approvato

PELO

Em.^{mo} e Rev.^{mo} Snr.

CARDEAL BISPO DO PORTO

Preço, enc. 400 reis

IMITAÇÃO DE CHRISTO

3.^a NOVISSIMA EDIÇÃO

Confrontada com o texto latino e ampliada com notas por

MONSENHOR MANUEL MARINHO

Approvada e indulgenciada pelo

Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. D. ANTONIO, Bispo do Porto

Preços :

- Em percalina 300 reis
- Em carneira com folhas douradas. 500 »
- Em chagrín, douradas 1\$000 »

PARECER DADO PELO EX.^{mo} E REV.^{mo} SNR. DR. CONEGO COELHO DA SILVA VIGARIO GERAL DA DIOCESE, SOBRE ESTA OBRA :

«Li attentamente esta nova edição da *Imitação de Christo*.

«O que é a *Imitação de Christo*, um dos livros mais admiráveis se não o mais admirável saído das mãos do homem, não é para aqui dizê-lo.

«Quanto á nova traducção e notas, o nome do Rev.^{mo} Padre Manuel Marinho é garantia segura de que esta obra é uma das mais perfectas. Effectivamente a traducção foi confrontada com o texto latino, é fiel, concisa e intellegível para todos.

«As notas, que acompanham os capitulos, são taes que algumas vezes parecem exceder o proprio texto».

Assim formulava o meu juizo em 10 d'abril de 1901. Agora nada tenho a acrescentar relativamente a esta 3.^a edição. O esgotamento de duas edições em tão pouco tempo é de per si eloquente.

Porto, 10 d'outubro de 1904.

CONEGO COELHO DA SILVA.

Em vista do parecer junto approvamos esta edição da *Imitação de Christo* e concedemos **50 dias de indulgencia** pela leitura de cada capitulo.

Porto, 12 de outubro de 1904.

† ANTONIO, BISPO DO PORTO.

Vieira-Prégador—Estudo philosophico da eloquencia sagrada, segundo a vida e as obras do grande orador portuguez, pelo Padre Luiz Gonzaga do Valle Coelho Pereira Cabral, S. J. — Dous grossos volumes 2\$000

A Confissão Sacramental—Pelo Rv.^{mo} Mgr. Manuel Marinho —Com approvação do Em.^{mo} Cardeal Bispo do Porto — 1 vol., broch. 250

TUDO POR JESUS

OU

Caminhos faceis do amor divino

PELO

REV. PADRE FREDERICO WILLIAM FABER

SUPERIOR DO ORATORIO DE S. PHILIPPE DE NERY (DE LONDRES)

DOUTOR EM THEOLOGIA

Obra traduzida do inglez para o francez

POR

M. DE BERNHARDT

E D'ESTA LINGUA VERTIDA PARA O PORTUGUEZ

POR

F. PRETO PACHECO

2.^a EDIÇÃO

Com approvação e recommendação do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr.

D. Antonio, Bispo do Porto

Preço, brochado, 600 reis—Encadernado, 800 reis

O Livro de Todos—Pelo Abbade J. Berthier M. S.—Vertido do francez pelo sr. A. Peixoto do Amaral—1 vol., broch. 600

Pedidos á casa editora FONSECA—Rua da Picaria, 74—Porto e ás principaes livrarias.

José Joaquim d'Oliveira

PARAMENTEIRO E SIRGUEIRO

103, Rua do Souto, 105—BRAGA

Premiado nas Exposições Industrial Portuense de 1887,

Industrial de Lisboa de 1888

e Universal de Paris de 1889

Fabrica de damascos de sêda e ouro, lisos e lavrados paramentos para egreja; galões e franjas d'ouro fino e falsc; setim e nobrezas para opas.

Esta fabrica já foi visitada varias vezes pelas Familias Reaes Portuguezas.